

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Clemens Schuldt direção musical

15 set 2023 · 21:00 Sala Suggia

VISTA DO ESPAÇO A TERRA ERA AZUL



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA





Abra o código QR e assista à entrevista ao maestro Clemens Schuldt sobre o programa do concerto

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Piotr Ilitch Tchaikovski

A Tempestade, fantasia (1873; c.20min)

Frank Bridge

O Mar, suite para orquestra (1911; c.25min)

1. Seascape
2. Sea-foam
3. Moonlight
4. Storm

2ª PARTE

Antonín Dvořák

Sinfonia n.º 9 em Mi menor, op. 95, “Do Novo Mundo” (1893; c.40min)

1. Adagio — Allegro molto
2. Largo
3. Scherzo: Molto vivace
4. Allegro con fuoco

Piotr Ilitch Tchaikovski

VOTKINSKI, 1840 | SÃO PETERSBURGO, 1893

A *Tempestade*, fantasia

Piotr Tchaikovski compôs várias obras sinfônicas programáticas inspiradas em temáticas shakespearianas, como a abertura-fantasia *Romeu e Julieta* (1.ª versão de 1869/versão final de 1880), a abertura-fantasia *Hamlet* (1888) e a fantasia sinfônica *A Tempestade*. Esta última foi terminada em outubro de 1873 e estreada a 19 de dezembro desse ano, num concerto promovido pela Sociedade Musical Russa, em Moscovo, sob a direção de Nikolai Rubinstein (1835-1881). A recepção do público e da crítica foi bastante favorável, com destaque particular para a qualidade da orquestração e da ligação ao conteúdo programático.

O compositor inspirou-se na obra homônima de William Shakespeare (1564-1616), escrita possivelmente na primeira década do séc. XVII, em cinco atos e epílogo, que se inicia com uma tempestade invocada por Ariel a pedido de Próspero, ex-duque de Milão, para naufragar o navio onde viajava o rei de Nápoles e o seu filho Ferdinand, com o restante séquito. Próspero explica a Miranda, sua filha, o plano de vingança, contando com a ajuda de Ariel e dos seus poderes mágicos. Miranda conhece então Ferdinand, existindo de imediato uma paixão entre os dois, que resultará depois no noivado que permitirá um final feliz, com Próspero a poder regressar a Itália com a corte real. A trama é mais complexa, mas o compositor utilizará vários destes elementos como base programática para a sua música, selecionando o roteiro elaborado por Vladimir Stasov (1824-1906), com quem trocou correspondência acerca da obra. Stasov, um dos mais influentes críticos musicais russos e figura próxima do compositor, propusera o

seguinte programa (tradução livre): “O Mar. Ariel, Espírito do ar, gera uma tempestade a pedido do mago Próspero. O navio de Ferdinand afunda-se. A ilha encantada. O primeiro despertar tímido de amor entre Miranda e Ferdinand. Ariel. Caliban. O amor do jovem casal cresce para uma paixão esmagadora. Próspero renuncia aos seus poderes mágicos e deixa a ilha. O Mar.”

A música alude claramente aos momentos do programa, iniciando-se com um ambiente sereno proporcionado pelas madeiras, a remeter para uma tranquilidade inquieta que é marcada também pelas cordas, em particular pelo movimento dos contrabaixos. A tempestade é anunciada com a inquietação da orquestra, seguindo-se o destaque para a percussão numa secção intensa, que resulta na tempestade, no naufrágio e na chegada à ilha onde Próspero se encontrava. O tema do amor emerge então e é explorado em toda a sua plenitude, num adensar da textura orquestral, com linhas melódicas arrebatadoras e exploradas com a mestria da orquestração de Tchaikovski — de resto um traço conhecido da estética do compositor. Uma secção intermédia alude a Ariel, de forma quase mágica, com uma sonoridade que enfeitiça — contrastando com o tom mais pesado associado a Caliban, com maior destaque para os graves. Ao tema do amor segue-se a força imensa de Próspero anunciada pelos metais, em registo de fanfara. Esta vai-se desvanecendo, representando possivelmente a perda dos seus poderes e o afastamento progressivo da ilha, num tom dramático, com a repetição do motivo melódico nas cordas (alternado com os metais e percussão). No final, o mar inspira outra vez a sua calma, com um coral que desagua num oceano plácido, sem sinal da tempestade ou dos eventos ocorridos.

Frank Bridge

BRIGHTON, 1879 | EASTBOURNE, 1941

O Mar, suite para orquestra

Frank Bridge, para além de um relevante compositor inglês da primeira metade do séc. XX, destacou-se como virtuoso violetista. Fez a sua formação no Royal College of Music, onde estudou composição com Sir Charles Villers Stanford (1852-1924), e também violino e viola, tornando-se um músico admirado pelos seus pares. Desenvolveu atividade como maestro, destacando-se a direção pontual de várias orquestras ou o cargo de assistente de Thomas Beecham na New Symphony Orchestra. Integrou, como violinista e violetista, alguns dos mais destacados grupos de música de câmara. Seria no período pós-I Guerra Mundial, e a partir de 1923, que se dedicaria à composição de algumas das mais destacadas obras de música de câmara do seu catálogo, apoiado pela mecenas norte-americana Elizabeth Sprague Coolidge (1864-1953). Todavia, prosseguiu a composição de obras sinfónicas com forte ligação programática, constituindo este um traço relevante da sua estética. Exemplo disso é a composição do poema sinfónico *Enter Spring*, apresentado no Norwich Triennial Festival, em outubro de 1927, e ao qual assistiu maravilhado Benjamin Britten (1913-1976), à época um jovem que decidiu de imediato ter aulas de composição com Bridge. Cerca de uma década depois, Britten, já com 23 anos de idade, compôs e dedicou-lhe as *Variations on a Theme of Frank Bridge*, op. 10, estreadas no Festival de Salzburgo, a 27 de agosto de 1937.

Frank Bridge terminou a suite orquestral *O Mar* em julho em 1911. Seria estreada apenas no ano seguinte, nos concertos Promenade em Londres (conhecidos como “Proms”), com a

New Queen’s Hall Orchestra dirigida por Henry Wood (1869-1944). A história de composição cruza-se, pelo menos no âmbito geográfico, com a obra *La mer* (1905), de Claude Debussy (1862-1918), tendo sido ambas terminadas em Eastbourne, na costa sul de Inglaterra. A obra de Debussy inspirou certamente Bridge que, nesse período, se encontrava particularmente fascinado pelas possibilidades impressionistas, mas também modernistas.

O Mar foi composto quando Bridge tinha 32 anos. Tornou-se rapidamente a sua obra mais conhecida e interpretada em Inglaterra e internacionalmente, destacando-se as apresentações nos Estados Unidos da América, em particular em Cleveland, Boston e Detroit, em 1923, com uma receção calorosa e interessada por parte do público e da crítica. A obra encontra-se dividida em quatro andamentos, para os quais Bridge escreveu o programa extramusical. No primeiro, intitulado “Seascape” [“Paisagem marítima”], pretende introduzir-nos ao mar numa manhã de verão, avistando-se uma grande extensão de água onde é refletida a luz do sol, seguindo-se “brisas quentes que brincam na superfície da água”. Na dimensão musical, Bridge concede destaque à melodia inicial nas violas, antecedendo um movimento que remete para as ondas do mar e atravessa quase todo o andamento até ao grande clímax orquestral. O final do andamento é marcado pela calma de onde emerge o som forte da orquestra. O andamento “Sea-foam” alude “à espuma do mar entre as rochas e nas piscinas naturais na costa, de forma brincalhona e não tempestuosa” — um “Allegro vivo” que se inicia de modo quase jocoso com apontamentos das madeiras e acompanhamento das cordas. Desagua num movimento melódico de toda a orquestra, regressando ao tom mais brincalhão, com os trombones depois em destaque. “Moonlight”

[“Luar”], o andamento seguinte, um “Adagio non troppo”, é mais introvertido, mas também intenso, convocando, por vezes, no jogo das cordas com as madeiras, um ambiente lírico e contemplativo. E o programa que Bridge propõe é mesmo esse, com o luar a pintar um mar calmo, seguindo-se a luta dos raios lunares por entre as nuvens, deixando por fim o mar a brilhar com a lua cheia. O andamento final, “Storm”, sugere a tempestade no mar com a percussão e os metais em modo enérgico e quase violento, depois também com as cordas, até chegar a calmaria que se segue à agitação. Ouve-se então uma alusão ao tema do primeiro andamento nos metais, terminando depois a obra de forma triunfante.

PEDRO RUSSO MOREIRA, 2023

Antonín Dvořák

NELAHOZEVES (BOÉMIA), 1841 | PRAGA, 1904

Sinfonia n.º 9 em Mi menor, op. 95, “Do Novo Mundo”

Antonín Dvořák foi um dos mais proeminentes compositores checos, obtendo em vida reconhecimento mundial pela sua obra. Formou-se com o influente Antonín Liehmann, frequentando posteriormente, entre 1857 e 1859, a Escola de Órgão de Praga. Ingressou como violetista na orquestra do Teatro Provisional de Praga, dirigida a partir de 1866 pelo compositor Bedřich Smetana, e ensinou piano em regime particular. Em 1871, deixou o seu trabalho como músico de orquestra e manteve aulas privadas de composição. No ano seguinte, viu estreado o seu Quinteto com piano em Lá maior op. 5, seguindo-se um gradual reconhecimento do seu talento e domínio musical. Devido à sua popularidade, conseguiu o cargo de organista

na Igreja de Saint-Ethelbert, onde permaneceu até 1877. O apoio do Estado, através de várias bolsas, foi fundamental para prosseguir a atividade como compositor e aumentar o seu reconhecimento — também marcado pelo prémio da associação artística Umelecka Beseda, em 1876, devido ao seu Quinteto para cordas em Sol maior, op. 77. Destaca-se, neste período, o interesse de outros nomes no percurso de Dvořák, nomeadamente Johannes Brahms — que, em 1878, recomendou a publicação de algumas das suas obras a Simrock.

A visibilidade da sua obra — em particular a circulação internacional de algum repertório marcante como as *Danças Eslavas*, a Sinfonia n.º 6 ou o *Stabat Mater* — conduziu-o a Inglaterra, país com o qual manteve uma relação especial compondo diversas obras que ali foram estreadas (Sinfonia n.º 7 ou a *Missa de Requiem*). Com uma carreira europeia afirmada, e com passagens breves por vários países como Inglaterra ou Rússia, assume o cargo de professor no Conservatório de Praga em 1891, ainda que por breves momentos. Em 1892, rumo aos Estados Unidos da América para lecionar no Conservatório de Música de Nova Iorque, a convite de Jeanette Thurber. A chegada ao Novo Mundo foi pautada por um caloroso acolhimento e várias apresentações públicas naquela cidade e em Boston. O compositor permanecerá naquele país até 1895, dedicando-se ao ensino de composição e a novos trabalhos marcantes do seu catálogo musical, entre os quais o Quarteto para cordas op. 96, o Concerto para violoncelo e orquestra op. 104 e a Sinfonia n.º 9, “Do Novo Mundo”, op. 95.

Em meados de janeiro de 1893, iniciou a composição da Sinfonia n.º 9, em quatro andamentos, que terminou antes do verão, quando os seus filhos chegaram a Nova Iorque. A

presença da família foi importante pois permitiu-lhe conhecer melhor alguns pontos turísticos na sua companhia, antes de reiniciar os afazeres no Conservatório, em setembro. Seguiram-se, em dezembro, os ensaios para a estreia da sua nova sinfonia, que seria oficialmente apresentada ao público a 16 de dezembro de 1893, no Carnegie Hall, pela Filarmónica de Nova Iorque sob a batuta do maestro Anton Seidl. A obra foi recebida com grande regozijo do público, que aplaudiu entusiasticamente o final de cada andamento, com várias ovações em pé. O sucesso da obra ficou a dever-se a vários fatores, destacando-se, no entanto, a orquestração de grande magnitude, assim como as referências musicais a melodias ou elementos musicais inspirados nos índios e nas raízes africanas-americanas. Os jornais publicaram várias notícias dando conta do grande sucesso que a obra alcançara, o que também Dvořák relata numa carta ao editor Simrock.

A utilização dos materiais musicais selecionados por Dvořák, que algumas figuras viam como a afirmação de uma potencial escola musical americana à qual os jovens compositores deviam estar atentos, marcaria o caráter geral da obra. O compositor não pretendeu, como explicou, apropriar-se de temas musicais tradicionais, nativos, mas antes compor melodias originais inspiradas em traços melódicos e rítmicos daquele universo, vestindo-as de uma orquestração rica e de um tratamento contrapontístico.

Uma introdução lenta, “Adagio”, dá início ao primeiro andamento, deixando depois lugar à exposição do primeiro tema nas trompas e, posteriormente, ao segundo tema na flauta e no oboé, replicado pelos violinos. O terceiro tema é anunciado pela flauta, incorporando um espírito mais popular que tem depois eco na orquestra. A descoberta do Novo Mundo

— o segundo andamento, um “Largo” — surge com um caráter mais solene, em particular pelo coral dos metais e das madeiras que antecede o tema no corne inglês. Este andamento é rico em referências populares, mais uma vez na flauta, por exemplo, mas também pelo surgimento do tema principal do andamento anterior, que constitui um *leitmotiv* da obra. No terceiro andamento, um “Scherzo”, Dvořák convoca a memória da Sinfonia n.º 9 de Beethoven, seguindo-se o tema principal nas madeiras. A obra termina com um “Allegro con fuoco” de caráter heroico, como revela o primeiro tema anunciado pela trompa, embora contraste com o segundo tema no clarinete. A coda concede ao andamento um espírito magistral e fulgurante, reprimendo material temático de outros andamentos, numa orquestração brilhante.

PEDRO RUSSO MOREIRA, 2019

Clemens Schuldt direção musical

Elogiado pela imprensa como um dos maestros mais entusiasmantes que surgiu na Alemanha nos últimos tempos, Clemens Schuldt foi recentemente nomeado diretor musical da Orquestra Sinfónica do Quebeque, um cargo que assumiu no arranque da temporada de 2023/24. Tem sido universalmente aplaudido pelas suas interpretações inovadoras e pelo profundo conhecimento musical, com especial destaque para o repertório clássico e romântico, além da abordagem a obras contemporâneas ou menos habituais.

Clemens Schuldt inicia a temporada de 2023/24 com uma digressão na Alemanha e Europa de Leste, ao lado da Orquestra Nacional Alemã de Jovens e Martynas Levickis. Regressa à Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, à Filarmónica de Copenhaga, à Sinfónica de Malmö, à Orquestra de Câmara Sueca, à Filarmónica de Estugarda, à Orquestra Hallé em Manchester e à Sinfonietta de Hong Kong.

Além de obras sinfónicas, Clemens Schuldt dedica-se intensamente à ópera. Em 2023/24, estreia-se com a Opera North, dirigindo *Così fan tutte* de Mozart. Na temporada passada dirigiu uma aclamada nova produção de *Mitridate, re di Ponto* de Mozart com o English Concert, na Garsington Opera. No Teatro Estatal de Karlsruhe, apresentou uma reposição de *A Flauta Mágica* de Mozart. Durante dois anos, foi maestro residente no Teatro Estatal de Mainz, onde dirigiu novas produções de *Norma* de Bellini, *Armide* de Gluck, *Faust* de Gounod e *Rigoletto* de Verdi, bem como interpretações de *O Holandês Voador* de Wagner. Em 2019, fez sucesso a sua estreia na Bienal de Veneza, dirigindo a ópera *Written on Skin* de George Benjamin com a Orchestra Sinfonica Nazionale della Rai.

Entre os seus compromissos recentes, destaca-se uma gravação do Concerto para violino de Márton Illés, com Patricia Kopatchinskaja e a Orquestra de Câmara de Munique (da qual foi maestro titular entre 2016 e 2022), concertos no Dresdner Festspiele e um extraordinário programa dedicado a Beethoven com a Jazzrausch Bigband e a Isarphilharmonie de Munique.

Schuldt trabalhou com orquestras de renome como a Philharmonia Orchestra, a Sinfónica e a Filarmónica da BBC, a Staatskapelle Weimar, a Sinfónica Alemã de Berlim, a Sinfónica SWR e a Sinfónica da Rádio ORF de Viena, a Sinfónica de Bamberg, a Filarmónica dos Países Baixos, a Orquestra da Suíça Romanda, a Orquestra Nacional do Capitólio de Toulouse, a Sinfónica de Stavanger, a Tapiola Sinfonietta e a Sinfónica de Trondheim. Noutros continentes, dirigiu a Sinfónica de Oregon, a Sinfónica Yomiuri Nippon, a Nova Filarmónica do Japão, a Sinfónica de Quioto, a Sinfonietta de Hong Kong, a Sinfónica de Xian e a Sinfónica da Tasmânia. Divide o palco com solistas como Khatia Buniatishvili, Collin Currie, Vilde Frang, Ilya Gringolts, Augustin Hadelich, Håkan Hardenberger, Steven Isserlis, Igor Levit, Fazil Say, Baiba Skride, Kian Soltani, Christian Tetzlaff, Daniil Trifonov, Alisa Weilerstein e Frank-Peter Zimmermann.

Clemens Schuldt ganhou o prestigiante Donatella Flick Conducting Competition em Londres, em 2010, e foi maestro assistente da Sinfónica de Londres durante um ano. Natural de Bremen, começou por estudar violino e tocou com a Gürzenich-Orchester Köln e a Deutsche Kammerphilharmonie Bremen. Concluiu depois os estudos de direção de orquestra em Düsseldorf, Viena and Weimar.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, interpreta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adotar a atual designação em 2010.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Violino I

Evgeny Makhtin
Elina Viksne*
Radu Ungureanu
José Despujols
Vadim Feldblioum
Ianina Khmelik
Emília Vanguelova
Roumiana Badeva
Vladimir Grinman
Maria Kagan
Alan Guimarães
Andras Burai
Jorman Hernandez*
José Pedro Rocha*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Karolina Andrzejczak
Catarina Martins
Mariana Costa
Pedro Rocha
Paul Almond
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
Matilda Mensink*

Viola

Mateusz Stasto
Pedro Meireles
Emília Alves
Anna Gonera
Biliana Chamlieva
Jean-Loup Lecomte
Hazel Veitch
Carlos Monteiro*
Catarina Gonçalves*
Cristiana Barreiro*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
João Cunha
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi
Bruno Cardoso
Beatriz Figueiredo*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Nadia Choi
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Slawomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Sofia Brito*
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Cândida Nunes
Vasily Suprunov

Trompa

Eddy Tauber
José Bernardo Silva
Hugo Sousa*
Laura Ferreira*
Hugo Carneiro

Trompeta

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Pedro Silva*
Nuno Martins

Tuba

Aoi Koya*

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Iliaria Vivan

*instrumentistas convidados

Operação Técnica

Iluminação

Rui Pinto Leite

Palco

Alfredo Braga
José Vilela

Próximos concertos

17 DOMINGO 12:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Clemens Schuldt direção musical

Concerto comentado por **Helena Marinho**

Obra de **Antonín Dvořák**

19 TERÇA 19:30 SALA SUGGIA

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel direção musical

Ashot Sarkissjan violino

Obras de **Darius Milhaud**,

Salvatore Sciarrino e **Liza Lim**

23 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Obras de **Alan Hovhaness**, **Joseph Haydn**
e **Harrison Birtwistle**

24 DOMINGO 18:00 SALA SUGGIA

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings cravo, órgão e direção musical

Obras de **Jean-Féry Rebel**, **Georg Friedrich Händel**
e **Georg Philipp Telemann**

30 SÁBADO 18:00 SALA SUGGIA

Prémio Novos Talentos AGEAS

Rafael Pacheco guitarra portuguesa

Maura Airez voz

Francisco Berény Domingues guitarra

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

